



A INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES NO MUNICÍPIO DE ARACOIABA-CE: CONTEXTUALIZAÇÕES E REFLEXÕES

The garment industry in the Aracoiaba-CE municipality: contextualizations and reflections

La industria de confecciones en el municipio de Aracoiaba-CE: contextualizaciones y reflexiones

Davi Oliveira Costa¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo produtivo das indústrias de confecções na cidade de Aracoiaba e suas implicações socioespaciais. Para isso, nossa base teórica será Marx (1985) e Santos (1996), além de Meneleu Neto (2000) e Pereira Junior (2011) que trabalharam processos produtivos industriais no estado do Ceará. A problematização parte da necessidade de se entender o porquê e como se deu a instalação de indústrias de confecções nesta cidade do interior cearense, e quais são suas conexões com a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Para atingirmos o objetivo e chegarmos à resposta para o problema, daremos ênfase aos processos produtivos, a reconstituição histórica, a investigação teórica. Em termos metodológicos, realizamos um engajamento teórico através da revisão da literatura, visitamos as fábricas no município. A pesquisa é justificada em decorrência da baixa quantidade de trabalhos geográficos acerca destas atividades fabris na região em questão. Sendo esta pesquisa realizada, poderá se compreender melhor os processos e movimentos que envolvem as confecções em Aracoiaba-CE.

Palavras-chave: Aracoiaba. Geografia Econômica. Indústria de Confecções.

ABSTRACT

The present work aims to understand the productive process of garment industries in the city of Aracoiaba and its socio - spatial implications. Like this, our theoretical basis will be Marx (1985) and Santos (1996), besides Meneleu Neto (2000) and Pereira Junior (2011) who worked industrial production processes in the state of Ceará. The problematization starts from the need to understand why and how the garment industry was installed in this city in the interior of Ceará, and what are its connections with the Metropolitan Region of Fortaleza (FMR). To reach the goal and arrive at the answer to the problem, we will emphasize the productive processes, the historical reconstitution, the theoretical investigation. In methodological terms, we performed a theoretical engagement through literature review, visited the factories in the municipality. The research is justified due to the low amount of geographic work on these manufacturing activities in the region in question. If this research is carried out, it will be possible to better understand the processes and movements that involve garments in Aracoiaba-CE.

Keywords: Aracoiaba. Economy Geography. Garment Industry.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo comprender el proceso productivo de las industrias de confecciones en la ciudad de Aracoiaba y sus implicaciones socioespaciales. Para ello, nuestra base teórica será Marx (1985) y Santos (1996), además de Meneleu Neto (2000) y Pereira Junior (2011) que trabajaron procesos

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental (UECE). Licenciado em Geografia (UECE). Professor da rede privada no Ceará e no Rio Grande do Norte. Email: profdavigeo@gmail.com

productivos industriales en el estado de Ceará. La problematización parte de la necesidad de entender el por qué y cómo se dio la instalación de industrias de confecciones en esta ciudad del interior cearense, y cuáles son sus conexiones con la Región Metropolitana de Fortaleza (RMF). Para alcanzar el objetivo y llegar a la respuesta al problema, daremos énfasis a los procesos productivos, la reconstitución histórica, la investigación teórica. En términos metodológicos, realizamos un compromiso teórico a través de la revisión de la literatura, visitamos las fábricas en el municipio. La investigación es justificada debido a la baja cantidad de trabajos geográficos acerca de estas actividades fabriles en la región en cuestión. Siendo esta investigación realizada, podrá comprenderse mejor los procesos y movimientos que envuelven las confecciones en Aracoiaba-CE.

Palabras clave: Aracoiaba. Geografía Económica. Industria de Confecciones.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabemos que o final do século passado foi marcado por novas articulações entre o público e o privado, com significativo crescimento da importância deste último. Buscando promover um suposto desenvolvimento das cidades interioranas, o Governo do estado do Ceará, associado às Prefeituras Municipais, passaram a promover incentivos fiscais e outros benefícios com o objetivo de atrair atividades industriais para cidades além da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Na década de 1990, a cidade de Acarape, situada na Região do Maciço de Baturité, interior do estado do Ceará, recebeu um investimento industrial do setor de confecções. Tal investimento angariou incentivos fiscais e concessões por meio de empréstimos por parte do poder público e seus órgãos credores. Mesmo com os benefícios garantidos pelo Estado, o aporte industrial faliu, sendo posteriormente assumido por uma cooperativa de costureiras e costureiros da região.

Tal cooperativa foi fundamental para a criação de um capital social (BOURDIEU, 1998) na região, promovendo o aparecimento de empresas e microempresas de confecções, que passaram a atuar como terceirizadas para grandes grupos produtores da RMF. Dentre as cidades que receberam esses investimentos e que teve, até o ano de 2013 um crescimento na importância da parcela do Produto Interno Bruto (PIB) do setor de confecções, temos o município de Aracoiaba.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é compreender o processo de instalação destas confecções no município acima citado, além da análise teórica do processo de produção. Para atingirmos este objetivo, se faz necessário uma análise totalizante, entendendo que a cidade de Aracoiaba e suas fábricas de confecções, fazem parte de uma lógica produtiva maior, ligada ao modelo de acumulação do capital intensificado a partir da década de 1980, e aos processos de industrialização no Nordeste do Brasil, no estado do Ceará, além da inserção da cidade no contexto da economia e indústria do Maciço de Baturité, sub-região da qual faz parte. Para tanto, este trabalho está dividido em quatro seções, a saber: 1) Industrialização no Nordeste do Brasil e no Estado do Ceará; 2) O Maciço de Baturité e a indústria de confecções; 3) Histórico econômico do Maciço de Baturité e 4) A indústria de confecções em Aracoiaba/CE, além de algumas considerações finais que julgamos relevantes.

Esta pesquisa faz parte de um trabalho maior, uma dissertação de mestrado que deverá ser defendida até Março de 2018, pelo presente pesquisador. Assim, as páginas que se seguem tratam de análises iniciais acerca do objeto de estudo, trazendo algumas observações seguidas de teorizações que pudemos fomentar, a partir de trabalho de campo realizado em Março de 2017. Justificamos esta pesquisa por entendermos que o conhecimento geográfico, durante muito tempo, privilegiou os estudos dos grandes centros urbanos e, mais recentemente, das cidades médias, ficando as cidades pequenas, na maioria dos casos, de lado nas análises e contribuições dos geógrafos do século XX e XXI.

Industrialização no Nordeste do Brasil e no Estado do Ceará

O final do século XX foi marcado por mudanças no modelo de acumulação do capital, que passaria a partir deste momento, a estar cada vez mais relacionado a uma lógica de flexibilidade e fluidez. Neste processo de reestruturação do capitalismo, como bem salientou o professor Milton Santos (1996), alteraram-se as lógicas entre as *regiões do mandar* e as *regiões do fazer*. Áreas anteriormente privilegiadas receberam novos privilégios, ao passo em que outras regiões passaram a ser incorporadas de maneira mais incisiva na dinâmica de acumulação global e nacional.

A década de 1980 marca o início do processo de industrialização na Região Nordeste do Brasil, inicialmente com amplo direcionamento por parte do Estado, por meio de agências que deveriam promover o processo de desenvolvimento econômico na região. Região esta considerada econômica e socialmente problemática, inclusive por órgãos internacionais, como a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), um dos cinco órgãos das Nações Unidas para o desenvolvimento regional. Supostamente, a melhor forma de promover o desenvolvimento do Nordeste brasileiro seria através de um planejamento estatal capaz de guiar os investimentos industriais, sendo dessa forma, a indústria, a atividade de vanguarda no processo de desenvolvimento econômico. Dessa forma, influenciado pelos estudos cepalinos, o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), encabeçados pelo famoso economista Celso Furtado, passaram a defender a ideia de que a industrialização seria a atividade capaz de romper o subdesenvolvimento na região nordestina.

As indústrias que se dirigiram para o Nordeste brasileiro, em sua grande maioria, foram indústrias tradicionais, intensivas em mão de obra, de relativa menor necessidade de capital, e com baixo desenvolvimento tecnológico. Como exemplos temos a indústria têxtil, de confecções, alimentos, bebidas e calçados, dentre outras. Importante dizer que, neste primeiro momento, essas indústrias localizaram-se, sobretudo, nas regiões metropolitanas nordestinas, buscando os fatores atrativos relacionados a economias de aglomeração.

A década de 1990, por sua vez, foi marcada por maiores articulações entre o público e o privado, com expressiva primazia deste último sobre o primeiro. A própria constituição de 1988 passou a permitir maior autonomia dos municípios na concessão de incentivos fiscais para a instalação de atividades econômicas.

No caso específico do Estado do Ceará, as atividades industriais se instalaram inicialmente na capital, Fortaleza, com destaque para o corredor da Avenida Francisco Sá. Com a criação do distrito industrial de Maracanaú, os investimentos passaram a se deslocar para cidades da região metropolitana, como o próprio Maracanaú, seguido de Caucaia, Horizonte, Pacajus e outras. Salientamos, entretanto, que ainda hoje, a Região Metropolitana de Fortaleza concentra a maior parcela das atividades industriais do estado.

Vimos, portanto, que a partir da segunda metade do século XX, o Governo Federal, sob a forma de agências de desenvolvimento, deu início a um processo de desconcentração industrial (do Centro-Sul do país para o Norte-Nordeste) que consubstanciado através da SUDENE/GTDN, fomentou políticas de industrialização no Nordeste do país durante a década de 1980. Tal processo deu início a uma maior concentração de investimentos fixos na Região Metropolitana de Fortaleza, sobretudo no Distrito Industrial de Maracanaú (AMORA, 2005).

Já a partir da década de 1990, o processo de industrialização no estado se deu através de parcerias entre o público e o privado, com significativo crescimento da importância deste último (MENELEU NETO, 2000). Não significa dizer, entretanto, que houve uma perda de importância por parte do Estado. Na verdade, para utilizar uma expressão “miltoniana”, o que se percebe de maneira mais clara é que os capitais privados são capazes de promover curtos-circuitos no Estado, mas sem eliminar a sua importância (SANTOS, 1996). Vive-se hoje no Estado do Ceará, forte vinculação entre o público e o privado, impulsionando minidistritos industriais nas cidades do interior (PEREIRA JUNIOR, 2011).

Grosso modo, os investimentos em infraestrutura e os incentivos fiscais amplos, capazes de gerar uma guerra fiscal entre prefeituras e estados, devidamente legalizados sob a forma da Carta Magna de 1988, que deu maior autonomia tributária nos âmbitos municipais e estaduais, somadas a participação do capital privado nacional e internacional, incrementaram o processo industrial no estado. Foram selecionados espaços e gêneros industriais que atendessem a demanda do processo de acumulação capitalista, sob a égide de agentes exógenos. Dentre estes gêneros, aqueles com grande demanda de mão de obra foram direcionados às cidades interioranas, em decorrências dos baixos salários e do baixo sindicalismo (LIMA, 1997). Como exemplo, temos as indústrias de confecções.

Importante destacarmos que, para Teles (2015), o Estado do Ceará vive hoje uma nova fase de produção industrial, exponenciada pela ampliação e modernização do Porto do Pecém. A referida autora, além das três fases de industrialização no estado debatidas por nomes como Meneleu Neto (2000) e Pereira

Junior (2011), acrescenta mais uma, atual, marcada pela implantação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, na importância da sua Zona de Processamento para Exportação (ZPE).

Conhecendo um pouco o processo de industrialização no Nordeste do Brasil e no estado do Ceará, podemos partir para o entendimento do histórico das atividades econômicas no Maciço de Baturité e, assim, entendermos a industrialização na região em questão e mais especificamente na cidade de Aracoiaba.

O Maciço de Baturité e a indústria de confecções

A região do Maciço Baturité dista um pouco mais de 50 km da capital do Estado do Ceará, Fortaleza. Trata-se da menor macrorregião do estado, denominação cunhada pelo Instituto de Pesquisas Estratégicas e Econômicas do Ceará (IPECE). A região conta com 13 municípios de pequeno porte, cujo maior é Baturité, que possui uma população aproximada de 35.000 habitantes, exercendo poder polarizador sobre as cidades circunvizinhas (NASCIMENTO, 2008).

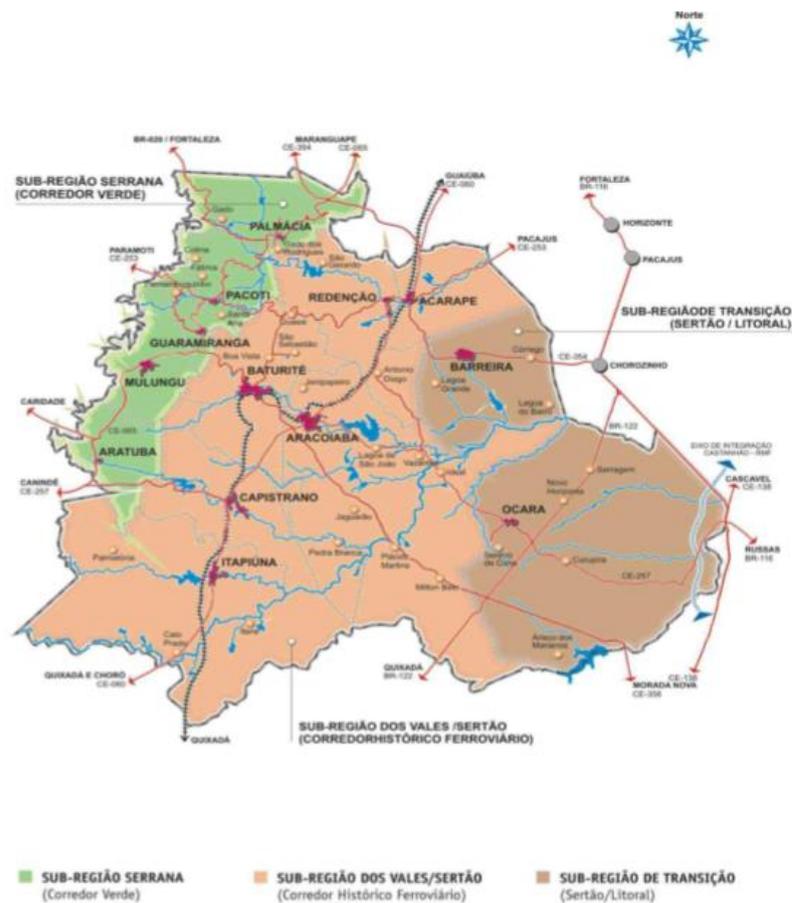
Figura 1: Localização da Macrorregião do Maciço de Baturité.



Fonte: Ceará/IPECE.

De maneira geral, podemos subdividir a região do Maciço de Baturité em serrana (Pacoti, Mulungu, Guaramiranga, Aratuba e Palmácia), vales/sertão (Acarape, Redenção, Aracoiaba, Baturité, Capistrano e Itapiúna) e transição (Barreira e Ocara).

Figura 2: As sub-regiões do Maciço de Baturité.



Fonte: Plano de Desenvolvimento Regional/Maciço de Baturité (2003).

O Maciço de Baturité teve o seu padrão de colonização tardio, salvo particularidades, assim como o restante do estado (GIRÃO, 1985). Conforme sabemos, o que hoje conhecemos como Estado do Ceará tão somente teria sua colonização iniciada no século XVII e, portanto, com certo atraso em relação, por exemplo, a Pernambuco. As principais particularidades da ocupação histórica do Maciço de Baturité decorrem das suas características geoambientais, ou seja, pelo fato da região se constituir enquanto um “geossistema de exceção” (LIMA, SOUZA e MORAIS, 2000), ou de uma “ilhota de tropicalidade” (AB’SABER, 1999).

A região em questão possui historicamente, uma primazia em relação às atividades pecuárias e agrícolas, em todas as suas sub-regiões. A pecuária bovina foi fundamental para a sua ocupação, assim como o algodão e o café, produzidos em larga escala, abastecendo outras regiões brasileiras e até outros países. Vale salientar que no caso da sub-região dos vales/sertão (onde está a cidade de Aracoiaba), tida como um corredor ferroviário, em decorrência da construção de uma linha férrea para escoar a produção de café ainda no século XIX, as atividades comerciais se fizeram mais presentes, até mesmo pela conexão mais fácil com a cidade de Fortaleza, via trem. Além das atividades pecuárias e agrícolas referidas anteriormente,

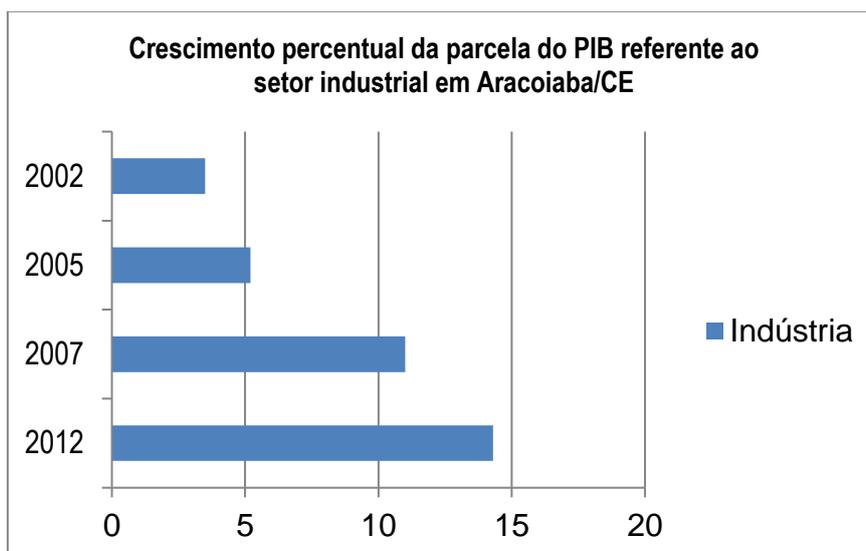
as cidades do Maciço se mantêm como centros da fruticultura cearense, assim como algumas cidades da sub-região serrana terem ganhado maior importância por meio de seus potenciais turísticos (NASCIMENTO, 2008).

Entretanto, na ocorrência de um processo relativamente recente, algumas cidades da região passaram a receber aportes relacionados à indústria de confecções, sob a forma de parcerias entre o público e o privado, sendo este último, ligado a agentes exógenos, conforme vimos. Em contatos iniciais com a região, percebemos que estas confecções trabalham basicamente no sistema de “facções”, que atuam como espécies de montadoras de produtos, costurando para grandes empresas na Região Metropolitana de Fortaleza. As mercadorias ao serem costuradas, retornam a RMF, para serem lavadas, etiquetadas e, por fim, comercializadas.

A indústria de confecções historicamente se traduz como uma das mais importantes no Ceará: das 30.324 indústrias ativas no estado em 2012, 84,51% estão ligadas ao setor de transformações, sendo destas, 38,31% do setor de vestuário (IPECE, 2014). Ou seja, o setor fabril de vestuário corresponde a aproximadamente um terço de todas as atividades industriais registradas no estado. As maiores fábricas que atuam neste segmento da indústria se localizam na RMF, ainda que venham avançando em direção ao interior – e a algumas cidades do Maciço de Baturité.

Em 2013, o Maciço de Baturité apresentou 1.761 empregos formais relacionados a atividades industriais, ou seja, um crescimento percentual de mais de 40% em relação a 2003, em que totalizava 1.203 empregos. O número de estabelecimentos formais industriais devidamente registrados foi de 107 em 2013. Já o número de pequenas e médias fábricas informais pode ser tão grande quanto às formais, pelo o que se percebeu em um contato inicial com a região.

Em 2002, a parcela referente ao PIB do município de Aracoiaba, por exemplo, oriunda de atividades industriais era de 3,5 %, já em 2012 esse percentual atingiu o valor de 14,03%, segundo dados do IPECE (2014). Podemos visualizar melhor através da tabela abaixo:

Tabela 1: Crescimento da parcela do PIB referente ao setor industrial em Aracoiaba/CE.

Fonte: Ceará/IPECE. Elaboração própria.

Histórico econômico do Maciço de Baturité

Os processos de ocupação e formação espacial do Maciço se deram a partir do século XVII, sobretudo através da pecuária e da agricultura de subsistência. De acordo com Andrade (2006), durante os períodos de secas, as serras frescas tornavam-se zonas de refrigério para o gado, e de certa forma, para sobreviver nestas áreas, eram necessárias atividades agrícolas que abastecessem homem e rebanho.

Entretanto, o pioneirismo do gado seria ofuscado, na região, pelo algodão, principalmente no século XVIII. Conforme Girão (1985), em decorrência de acontecimentos internacionais, a primazia do abastecimento de algodão dos Estados Unidos para a indústria inglesa seria duramente abalada, e com isso, emergiria a necessidade de conseguir esta matéria-prima em outros mercados. Foi o assim chamado “ouro branco” responsável por expressiva reorganização da região, chegando a promover um processo de urbanização na cidade de Baturité (NASCIMENTO, 2008). Importante notarmos que essa demanda internacional seria capaz de intensificar os fluxos entre a região, a capital Fortaleza e em certa medida, o mercado internacional. Para Teles (2015), o algodão produzido no Ceará favoreceu a implantação das primeiras indústrias têxteis no estado, sobretudo em Fortaleza, Aracati e Sobral.

Sabemos, entretanto, que a cotonicultura não manteve seu apogeu por muito tempo. Basicamente em decorrência da volta da concorrência norte-americana, ao final de seus conflitos externos (Guerra de Independência) e internos (Guerra de Secessão) ainda no século XIX, o algodão cearense e, conseqüentemente do Maciço, perdeu parcela de seu precioso mercado internacional.

A maior importância do algodão para a economia da região não deixou saudades por muito tempo, tendo em vista que seria o café que marcaria o ápice da economia do Maciço. O café começou a ser cultivado na região ainda no século XVII, tendo seu auge durante o próprio auge do ciclo do café no Brasil no mesmo período (FURTADO, 1995). A produção de Café no Maciço, além de abastecer o mercado internacional, possuía amplo mercado regional, chegando inclusive mazônia. Nascimento (2008) demonstra que o escoamento interno desta produção foi capaz de fazer com que tal cultivo sobrevivesse, na região, aos abalos da Grande Depressão de 1929.

Foi o Café o principal responsável pela maior integração da região com a capital, Fortaleza. Sobretudo nas cidades que compõem a sub-região vales/sertão, esta integração mais ampla se deu no limiar no século XIX, através da construção de uma linha férrea em 1882, ligando Baturité ao litoral fortalezense, passando pela cidade de Aracoiaba. Isso fez com que, nestas cidades, as atividades agrícolas fossem acompanhadas por atividades comerciais mais dinâmicas. Essa conexão mais fácil com Fortaleza fez com que outras produções, além das agrícolas, tivessem mercado fora da região.

Durante o século XX, as atividades agrícolas e pecuárias na região sofreram expressivas percas de competitividade em decorrência, basicamente, da falta de crédito por parte dos agricultores, os problemas ambientais, o baixo nível tecnológico, o êxodo rural, dentre outros. O próprio café teria seu apogeu encerrado em decorrência deste cenário, aliado claro, ao barateamento dos preços e a maior concorrência de outras áreas. Hoje, em termos agrícolas, a região se destaca pelo cultivo de frutas e hortaliças, abastecendo principalmente a RMF. Este cenário desfavorável para a agricultura promoveria na região o surgimento de certa mão de obra ociosa, que seria incorporada a outras atividades como, por exemplo, a indústria de confecções, alvo de estudos da presente pesquisa. Contudo, é óbvio dizer que tal mão de obra ociosa não explica por si só a instalação de confecções no Maciço e, conseqüentemente, na cidade de Aracoiaba.

Vejam: ao analisarmos os processos históricos de ocupação do Maciço, percebemos primazia de atividades pecuárias e agrícolas das mais variadas. A partir da década de 1990, porém, a região começou a receber aportes industriais, principalmente confecções. Tal contradição nos gerou uma pergunta de partida (que por sua vez, nos inspirou a outros questionamentos): o que levou atividades industriais tipicamente urbanas (as indústrias de confecções) a se direcionarem para uma região historicamente marcada por produções pecuárias e agrícolas?

Predomina no Maciço de Baturité um cenário tipicamente rural, que até pouco tempo, apresentava porcentagens de participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) do município inferiores e desprezíveis, se comparados com a agricultura e as atividades comerciais. Apresenta também uma atividade tipicamente urbana: a indústria tradicional, característica de processos de industrialização de caráter periférico e tardio (PEREIRA JUNIOR e SPÓSITO, 2013), bem mais contemplada devido à geração de

empregos e a baixa necessidade tecnológica, constituindo um exemplo de atividade fabril de transformação, especificamente no setor de confecções.

Em 1993, a cidade de Acarape (outra cidade da sub-região do Maciço de Baturité) recebeu a instalação de uma indústria de confecções de capital taiwanês e brasileiro. Chamava-se Yamacon Nordeste S/A. Para a instalação de tal aporte, foi concedida uma década de isenção fiscal para o proprietário, o senhor Chhai Kwo Chheng, no que, para muitos entusiastas da época, tornaria-se no novo polo industrial de confecções do estado, gerando supostamente 1.600 empregos. Na metade da isenção, a empresa abriu falência, mesmo após crédito concedido pelo Estado, proporcionando um prejuízo de quase 36 milhões de reais só ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB). O dinheiro foi remessado ilegalmente para o exterior através de uma “empresa de fachada”, a Tudo Máquinas.

Feitas as devidas considerações acerca do ocorrido em Acarape, vamos a sua relevância. Uma cooperativa de costureiras assumiu o que restou da empresa quando da saída do empresário taiwanês. Tanto a indústria como a cooperativa foram fundamentais para a formação de neo-operários (LIMA, 1997) e formação da força de trabalho. Ou aquilo que Bourdieu (1998, p. 67) chamou de Capital Social, entendido enquanto

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.

Conforme trabalhos realizados anteriormente (COSTA, 2014), constatamos que algumas dessas costureiras e costureiros qualificados na cooperativa na década de 1990, após certo tempo, tornaram-se pequenas empresárias e abriram unidades fabris na própria cidade de Acarape ou em cidades próximas, como Redenção e Aracoiaba. Algumas receberam incentivos por parte das prefeituras, além de empréstimos com o Banco do Nordeste (BNB) e Banco Nacional para o Desenvolvimento (BNDES).

A indústria de confecções em Aracoiaba/CE

A anterior importância da região do Maciço de Baturité como produtora de algodão, inclusive para a exportação, fez com que, em certa medida, fossem iniciadas na região em questão algumas atividades de beneficiamento do algodão, além da produção de fios e tecidos, de forma bastante artesanal e em séculos passados. De certa forma, o legado da produção de fios, tecidos e vestuário seria continuado de forma mais ampla e dinâmica quando da instalação da cooperativa de confecções em Acarape já no século XX.

Conforme vimos, a instalação do polo de confecções e a posterior substituição pelas atividades de cooperação entre costureiras foram responsáveis pela formação de mão de obra não somente para a cidade de Acarape, tendo em vista que muitas costureiras e costureiros vinham de outras cidades e distritos. Para Aracoiaba, além da formação de trabalhadores, a cooperativa foi significativa no sentido de fazer iniciar atividades empreendedoras, que de início não passavam de fábricas de garagem, enquanto que hoje, já se desenvolvem de maneira mais competitiva. Consideramos, portanto, o polo de confecções e a cooperativa em Acarape o ponto inicial para se compreender as fábricas de confecções em Aracoiaba.

De acordo com dados do Instituto de Pesquisas e Estratégica Econômica do Ceará (IPECE), a indústria de transformações, no município, só perde em termos de empregos gerados para o funcionalismo público, sendo este último setor empregador forte em quase todas as cidades do interior cearense. Em 2015, foram 434 empregos formais no setor secundário em Aracoiaba, enquanto a administração pública empregou 1004 pessoas. Devemos alertar que esses números de empregados no setor industrial é bem superior se levarmos em consideração os trabalhadores informais, e os estabelecimentos que não possuem registro. Pelo que pudemos observar através de trabalho de campo, quatro ou cinco estabelecimentos concentram a maioria esmagadora dos trabalhadores devidamente registrados, enquanto que as fábricas de garagem, fundo de quintal e demais, são difíceis de mensurar em decorrência da clandestinidade. A indústria foi, no ano de 2015, a atividade que mais contratou e mais demitiu formalmente trabalhadores em Aracoiaba. A indústria de transformação (dentre elas as confecções) é responsável por 95,97% das atividades industriais do município, estando inclusive, acima da média estadual que é de 91,52%.

A questão do trabalho é importante de se frisar. A maioria das confecções trabalha no modelo de “facções”, que deve ser entendido enquanto uma terceirização da produção. Ou seja, as grandes empresas de confecções em Fortaleza e na região metropolitana, enviam os tecidos cortados para os estabelecimentos produtivos na cidade, onde deverão ser costurados e, ao serem finalizados, voltarem à capital para lavagem, etiquetagem e comercialização. Trata-se de uma característica produtiva deste momento flexível de acumulação do capital, onde na busca frenética pela redução dos custos e aumento dos lucros, as grandes empresas direcionam os setores produtivos a outras empresas, onde o *mandar* se estabelece nas grandes empresas metropolitanas e o *fazer* se consubstancia em pequenas e médias empresas nos minidistritos industriais interioranos.

Esse giro da mercadoria, do simples corte do tecido ao produto finalizado e comercializado potencializa os lucros, pois “esquemáticamente, o capital é definido como valor em movimento” (HARVEY, p. 43, 2014), e sob o prisma da tese central da economia marxista, “o trabalho é capaz de criar uma quantidade maior de valor (um mais-valor) do que o valor que ele pode conseguir como mercadoria no mercado” (HARVEY, op. cit.). Ora, se o trabalho se torna mais barato ao se buscar outras áreas produtivas, tende-se a

gerar um aumento do valor produzido e reproduzido ao produzir nestes locais. Em tempos de avanços tecnológicos no setor de transportes e telecomunicações, e de maior liberdade de circulação dos capitais privados, o movimento do capital que no entender e nos tempos de Marx (1985) era insaciável, agora se torna violentamente incontrolável.

Para autores como Giovanni Alves (2000), o modelo de acumulação flexível não representa necessariamente uma ruptura total com o modelo de produção fordista. Desse modo, algumas características da acumulação rígida do pós-crise de 1929 permanecem imbricadas no desenvolver da estrutura de produção e reprodução do capital nos tempos atuais. Exemplificamos tal afirmação ao analisarmos o sistema de produção das confecções na cidade de Aracoiaba.

Nas suas relações extrafirma, as confecções atuam inseridas na flexibilização da produção do capital, no sistema de facções, possíveis graças aos avanços nos setores de transportes, comunicações, além do cenário de maior fluidez do capital, em várias escalas e lógicas. Aumenta-se o giro do capital, desde a transformação do dinheiro em mercadoria e produção, gerando mais mercadoria e mais dinheiro (mais-valor), ao transferir a produção da “cidade de comercialização” para uma “cidade de produção”. Note que esse giro do capital (mais uma vez: entendido como o tempo, desde quando o capital em movimento sai da forma dinheiro e vira mais-valor) não se prolonga o bastante para trazer ônus ao grande capitalista da região metropolitana, graças aos supracitados avanços e modificações na estrutura do capital em tempos de capitalismo financeiro contemporâneo.

Contudo, esse razoável aumento do tempo de giro do capital é compensado por mão de obra de baixo custo, corrosão de benefícios trabalhistas, baixo sindicalismo, incentivos fiscais e outros. Assim, para o grande capitalista da capital é completamente aceitável e preferível transferir parte ou toda sua produção para outra cidade e outra empresa, terceirizando, flexibilizando a geração de valor, apesar de não terceirizar e transferir necessariamente a acumulação de capital para aquela pequena cidade ou naquela pequena ou média empresa faccionista.

No nosso entender, trata-se de uma desconcentração da produção, diferindo de uma descentralização do capital, ou seja, o capital, a decisão e o poder ainda estão concentrados nos grupos hegemônicos, sejam estes, estaduais, regionais, nacionais ou globais. Ou talvez, uma atuação em conjunto e dinâmica de agentes hegemônicos em todas estas escalas citadas.

No entanto, no que se refere às atividades intrafirma, no que pudemos observar nas confecções em Aracoiaba, a produção ainda guarda muitas características do modelo fordista, típico da transição entre a primeira e a segunda metade do século passado. Trata-se de uma linha de montagem de vestuário, sobretudo, calças, shorts e bermudas, sejam masculinas ou femininas. O layout produtivo começa com o tecido cortado, sendo montado gradativamente conforme avança na linha de produção, passando por

diferentes trabalhadores e máquinas. Como se estivéssemos em uma linha de produção automobilística fordista do começo do século XX, a mão de obra é bastante especializada, tendo o trabalhador, geralmente, apenas uma única função (como, por exemplo, “apregoar os bolsos traseiros”).

Existe também a figura do supervisor, responsável por coordenar a produção, além de “alimentar” máquina e trabalhador (já não se sabe bem quem é quem), não permitindo que a produção pare. Estas máquinas impõem seu ritmo na linha de produção, fazendo com que a porosidade da jornada de trabalho seja menor, tornando o trabalhador um mero apêndice da máquina (MARX, 1985). Aqui, notamos a importância do supervisor (que não deixa de ser trabalhador como os demais), no sentido de aumentar a intensidade da produção e reduzir o desperdício de tempo total na linha de montagem. Além do supervisor e dos costureiros, são agentes do processo produtivo os mecânicos (responsáveis por não permitir que as máquinas parem) e as revisoras (que avaliam os defeitos das mercadorias, pós-montagem).

Outra particularidade que se pode perceber nas fábricas de confecções na cidade de Aracoiaba está no fato de que as quatro maiores empresas do ramo no município são administradas por mulheres, antigas partícipes da cooperativa em Acarape. Nenhuma delas possui formação acadêmica em Administração, Gerência de processos produtivos, outro curso técnico ou superior de gestão empresarial. A necessidade as tornou administradoras, apesar de algumas terem procurado apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), ou terem obtido algum apoio logístico quando do projeto para o recebimento de investimentos do BNB ou BNDES.

Por terem vindo da classe trabalhadora (e ainda se reconhecerem como tal), não é incomum, em visitas as fábricas, encontrar algumas delas sentadas nas máquinas e costurando, sobretudo quando o prazo de entrega das mercadorias está se esvaindo. Apesar de terem trazido mudanças significativas na realidade de suas famílias, em entrevistas realizadas, pode-se perceber que boa parte delas não possui grandes quantidades de capital excedente, produzindo o suficiente para uma vida melhor que a dos trabalhadores, mas sendo obrigadas (ver leis coercitivas da concorrência capitalista em Marx) a reinvestir parcelas significativas do que arrecadam. Tratam-se, portanto, de engrenagens dentro de um sistema de acumulação de capital mais amplo e agressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A confecção, atividade industrial de menor intensidade de capital e maior necessidade de mão de obra, no modelo de facção, ou seja, de produção para terceiros, torna-se relativamente pouco contundente no que se refere à geração de riquezas e acumulação de capital no município em questão. Podemos perceber isto, ainda utilizando dados do IPECE, ao analisarmos o PIB do município, onde mesmo sendo a atividade

que mais gerou empregos formais em 2015, apenas 6,85% do PIB é proveniente de atividades industriais de transformação (IPECE, 2016).

Note os efeitos da atual crise econômica na qual passa o país (ou parcelas da sua população?): o crescimento da parcela do PIB oriundo de atividades industriais que vinha em crescente até 2013 (aproximadamente 14%), caiu pela metade em 2015 (6,85%), trazendo falência, desemprego, informalidade, subemprego (sob a forma de precárias condições de trabalho) e outros.

Torna-se importante, portanto, que a esfera pública tome medidas no sentido de retomar o crescimento e a importância das confecções na região do Maciço de Baturité e, conseqüentemente no município de Aracoiaba. Não somente um crescimento em termos de PIB, mas principalmente um crescimento em termos de melhoria nas condições de trabalho e de vida de trabalhadores, microempresários e população municipal como um todo.

Não se pode esperar que uma nova multinacional declare falência, provoque um rombo nos cofres públicos e deixe uma infraestrutura precária, para que trabalhadores da região trabalhem de forma cooperativa e possam iniciar atividades empreendedoras significativas ou não, em termos de geração de emprego e renda para a comunidade local. O Governo do Estado e as Prefeituras Municipais devem trabalhar em conjunto no incentivo de atividades que possam melhorar o padrão de vida dos cidadãos, buscando uma economia solidária, através de um desenvolvimento endógeno.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **O novo e precário mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo, Boitempo editorial, 1ª ed., 2000. Coleção Mundo do Trabalho.
- AMORA, Zenilde Baima. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, José Borzachiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (organizadores). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CEARÁ. **Plano de desenvolvimento regional do maciço de Baturité**. Consórcio Faustino Nilo-Esplano Plano. 2003. 44p.
- COSTA, Davi Oliveira. **A indústria de confecções no Maciço de Baturité: mãos doloridas de uns tempos pra cá**. Trabalho de Conclusão de Curso. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 25ª ed. São Paulo: CIA Editora Nacional, 1995.
- GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica do Ceará**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985, p. 50-185.
- LIMA, Luiz Cruz. A industrialização recente do Ceará – uma introdução. **Anais do 6º encontro de geógrafos de América Latina**. Buenos Aires, 1997.
- LIMA, Luiz Cruz; SOUZA, Marcos José de; MORAIS, Jader Onofre de. **Compartimentação territorial e gestão regional do Ceará**. FUNECE. Ceará, 2000.

HARVEY, David. **Para entender o capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Para entender o capital**: Livros 02 e 03. São Paulo: Boitempo, 2014.

IPECE. **Perfil básico municipal 2016**. Ceará: IPECE, 2016

_____. **Perfil básico regional 2014**. Ceará: IPECE, 2014.

PEREIRA JUNIOR, Edilson Alves. **Território e economia política – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará**. – Presidente Prudente, 2011.

MENELEU NETO, José de. **Novos sapateiros: os trabalhadores e a reestruturação do capital**. Ceará. Universidade Federal do Ceará, 2000.

MARX, Karl. **O capital**. Volume 01. Coleção: Os economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985.

NASCIMENTO, Alexandre Sabino do. **A (re) produção do espaço do Maciço de Baturité: análise das políticas de desenvolvimento urbano/regional**. Dissertação de (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências. Depto. de Geografia, Fortaleza, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Edusp. São Paulo, 1996.